DAS PALAVRAS ESCRITAS À BRAVURA DA EXISTÊNCIA: PRÁTICAS DE LETRAMENTO RACIAL EM CAROLINA DE JESUS E DRAGÃO DO MAR

Victória Lúcia Moura Benevides[1]; Ana Vitória Gabriel dos Santos[2]; **Vitor Mateus Ferreira Lima[3];** Lídia Maria Silva Oliveira4; Gerbet Dantas dos Santos5.

[1]Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil, victoria.moura@aluno.uece.br
[2]Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil, vitoria.gabriel@aluno.uece.br
[3]Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil, vitormat.lima@aluno.uece.br
4Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil lidiamaria.oliveira@aluno.uece.br
5Prefeitura Municipal de Fortaleza, CE, Brasil, gerbetdantas@gmail.com

Introdução

Não pensas que vais conseguir
o meu afeto novamente
o meu odio vai evoluir
criar raizes e dar semente

(Carolina de Jesus, Quarto de Despejo, dia 3 de fevereiro, p. 136)

A implementação de práticas pedagógicas comprometidas com a promoção da educação para as relações étnico-raciais nos primeiros anos do Ensino Fundamental é um desafio atual enfrentado pelas escolas públicas do Brasil. Ainda que exista a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas, é comum que a valorização de figuras negras aconteça de forma pontual, principalmente durante o mês da Consciência Negra, sem haver uma articulação efetiva como currículo escolar e com os processos de alfabetização e letramento. Diante desse cenário, é imprescindível desenvolver ideias multidisciplinares para que possa haver a integração entre História, Língua Portuguesa e Arte, de modo a estimular os alunos a se tornarem leitores mais críticos e ampliar o repertório de práticas antirracistas nas escolas.

Partindo do pensamento de Magda Soares (1998), a perspectiva do letramento vai além da simples aprendizagem da escrita, envolve, ainda, a compreensão da função social que a leitura e a escrita possuem. Para Paulo Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e esse fator resulta na inserção do estudante em práticas importantes e contextualizadas. Desta forma, preparar trajetórias de personalidades negras históricas torna possível que aconteça não somente o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita, mas também a construção da consciência racial desde o período da infância.

Portanto, o texto em tela tem como **objetivo** analisar de que forma as práticas pedagógicas antirracistas, ilustradas pelo trabalho com as trajetórias de Carolina Maria de Jesus e Francisco José do Nascimento (Dragão do Mar), contribuíram com o letramento da turma de 3º ano do Ensino Fundamental I, ambiente de desenvolvimento das atividades da bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Metodologia

Este trabalho trata-se de um relato de experiência, desenvolvido em uma turma do 3ºano do Ensino Fundamental, anos iniciais, no turno da tarde, na Escola Municipal Irmã Giuliana Galli, nos meses de outubro e novembro, com duração de 40 minutos de intervenção, de acordo com o planejamento didático. A ideia integrou um projeto interdisciplinar estruturado nas nossas atividades enquanto bolsistas do PIBID, que focou no desenvolvimento do letramento e na formação de leitores críticos, envolvendo as disciplinas de História, Língua Portuguesa e Arte. Para isso, consideramos as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)[1], como por exemplo: em História (EF02HI03), que identifica personalidades importantes da história local; em Língua Portuguesa (EF15LP02 e EF15LP03), ao estimular conhecimentos prévios e valorizar narrativas orais; e em Arte (EF15AR06), ao expressar ideias através de produções artísticas.

Resultados e discussões

A construção das práticas antirracistas com as crianças foram por intervenções planejadas semanalmente e organizadas em etapas. Na primeira, realizamos uma contextualização histórica, com intuito de instigar conhecimentos prévios dos alunos em relação ao Dragão do Mar e para uma apresentação dos contextos de vida de Carolina Maria de Jesus. Na segunda etapa, fizemos uma roda de leitura do livro “Dragão do Mar: o herói dos mares cearenses”, uma obra autoral, escrita por nós, bolsistas do PIBID, incentivando a escuta atenta e o diálogo sobre a história, bem como conhecemos o acervo e construímos uma biblioteca simbólica com as obras de Carolina. Na terceira etapa, desenvolvemos dinâmicas

[1] Na BNCC, é comum a utilização de códigos alfanuméricos para identificar as habilidades. Esses códigos seguem uma estrutura padronizada: “EF” indica o Ensino Fundamental, “02” refere-se ao ano escolar (neste caso, 2º ano), “HI” corresponde ao componente curricular de História e “03” indica a terceira habilidade descrita para esse conjunto.

para ajudar na percepção dos sons das palavras e na alfabetização, usando palavras relacionadas às narrativas que criamos com as crianças. Por fim, na quarta etapa, os estudantes criaram textos e desenhos para montar um mural coletivo sobre Chico da Matilde (Dragão do Mar), ao mesmo tempo que, também, destacamos a da escrita como uma ferramenta para promover mudanças sociais e preservar a memória pessoal e histórica, ampliando o debate sobre representatividade negra na literatura brasileira.

Partindo das práticas coletivas em sala de aula, e das discussões nos planejamentos, percebemos que as crianças tiveram um engajamento significativo na participação das atividades propostas, em especial na roda de leitura e nas dinâmicas propostas.

Durante o momento da leitura do livro que nós produzimos, os estudantes puderam se identificar com a figura do Dragão do Mar, fortalecendo a valorização de uma personalidade negra que teve um papel fundamental na história do Ceará. De acordo com a habilidade EF02HI03, eles também passaram a entender melhor a importância de Chico da Matilde no movimento abolicionista no nosso Estado.

No que diz respeito à trajetória de Carolina Maria de Jesus, a conversa sobre a escrita como uma ferramenta de mudança social provocou reflexões sobre o poder das palavras e a relevância da escola como um espaço de emancipação. Foi observado que alunos negros demonstraram um maior reconhecimento positivo de sua identidade, o que revela como as práticas pedagógicas antirracistas são essenciais na formação da autoestima e da consciência racial.

A produção textual para o mural evidenciou melhorias na organização das ideias, na construção de frases e na compreensão das histórias. A integração entre leitura, oralidade, jogos pedagógicos e expressão artística ajudou a criar uma abordagem interdisciplinar coerente com o plano de aula, reforçando que o letramento deve estar ligado à formação de cidadãos críticos e conscientes.

Conclusões

Ao explorar as trajetórias de Carolina Maria de Jesus e Francisco José do Nascimento, estimulamos o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Integrar literatura, história e produção de textos auxilia a formar leitores mais críticos e conscientes. A utilização de estratégias lúdicas torna o processo de alfabetização mais leve e eficiente. A valorização de referências negras é importante para fortalecer a identidade dos estudantes e promover a consciência racial. A experiência no PIBID reforça a formação de professores comprometidos com práticas pedagógicas críticas e transformadoras.

Nas trilhas que tecemos com as crianças, entre palavras, memórias e presenças negras que insistem em florescer, compreendemos que o letramento racial não é apenas um caminho pedagógico, é um gesto de reparo, de cuidado e de reexistência. Ao trazer Carolina Maria de Jesus e Francisco José do Nascimento para o centro da sala, deslocamos silêncios históricos e abrimos frestas para que nossas crianças se vejam, se reconheçam e se autorizem a sonhar. Não se trata só de ensinar a ler a palavra, mas de reaprender a ler o mundo com mais justiça, mais cor e mais verdade. Essa experiência, atravessada pelo chão da escola pública e pelo nosso fazer docente em construção, nos convoca a seguir firmes: porque quando uma criança negra se reconhece na história, algo antigo se cura, e algo novo, potente e inevitável, começa a nascer.

Quando falamos de letramento racial, é impossível não evocar Nilma Lino Gomes, que nos lembra que educar para as relações étnico-raciais é, antes de tudo, tensionar as estruturas que historicamente produziram silenciamentos e desigualdades dentro da escola. Nesse sentido, o letramento racial não se limita à inserção de conteúdos, mas se configura como prática política e ética que atravessa o currículo, os afetos e as relações cotidianas (GOMES, 2017). É também nesse horizonte que dialogamos com bell hooks, ao compreender a educação como prática de liberdade, um espaço onde ensinar e aprender se tornam atos de resistência e de reinvenção do mundo (hooks, 2013). Assim, cada história contada, cada palavra escrita e cada escuta atenta se transforma em possibilidade de ruptura com o racismo estrutural e de construção de outras narrativas possíveis.

E é nesse entrelaçar de vozes, experiências e esperanças que seguimos compreendendo a escola como território vivo, pulsante, onde a transformação não acontece em grandes gestos isolados, mas nas miudezas do encontro, no brilho do olho que reconhece, na palavra que finalmente encontra morada. O que vivemos não se encerra em um projeto, nem em um tempo específico, permanece como semente. Porque ensinar, para nós, tem sido esse ato radical de acreditar que outras histórias podem (e devem) ser contadas, e que ao cultivarmos consciências críticas desde a infância, estamos, também, redesenhando futuros. E talvez seja isso o mais bonito: saber que, mesmo em meio às contradições, seguimos semeando mundos onde nossas crianças possam existir inteiras, dignas e profundamente vivas

Palavras-chave: alfabetização; interdisciplinaridade; representatividade; identidade; consciência.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

SANTOS, Ana Vitória Gabriel dos; BENEVIDES, Victória Lúcia Moura. **Dragão do Mar**: o herói dos mares cearenses. 2025.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.